

MINHA MÃE NÃO DORME ENQUANTO EU NÃO CHEGAR... Genocídio, racismo, sexismo no Brasil a partir da visão das Mães que choram as perdas dos seus filhos/as para a violência do Estado brasileiro.

Iraildes Elisia Andrade Nascimento

Resumo: Este artigo nasce da experiência vivida com as Mães de Maio, durante o primeiro encontro Nordeste, realizado em Salvador, de 17 a 20 de maio de 2022, encontro este responsável pelo projeto de mestrado da pesquisadora, onde pretendemos homenagear estas mulheres com uma tecnologia de gestão social, memorial digital com lembranças deste encontro e do compartilhamento de memórias de seus entes queridos perdidos de forma violenta pelo braço armado do Estado brasileiro. As primeiras Mães de Maio surgem no Brasil, em São Paulo, depois dos crimes (chacina) praticados no ano de 2006, no mês de maio, vitimando mais de 400 pessoas. No Nordeste, As Mães de Maio vão se organizar a partir da luta incansável da genitora do jovem Davi Fiuza, de 16 anos, desaparecido e segue até os dias atuais sem notícias do seu paradeiro, mas nunca esquecido por esta mãe, atual coordenadora do movimento no estado da Bahia e no Nordeste do país. Pretendemos assim discutir como o racismo estrutura a política de morte em um dos estados mais negros fora de África.

Palavras-Chave: Mães de Maio, Racismo, Genocídio, Juventude Negra

Abstract: This article is born from the experience lived with Mães de Maio, during the first Northeast meeting, held in Salvador, from May 17 to 20, 2022, a meeting responsible for the researcher's master's project, where we intend to honor these women with a technology of social management, digital memorial with memories of this meeting and the sharing of memories of loved ones violently lost by the armed wing of the Brazilian State. The first Mothers of May appear in Brazil, in São Paulo, after the crimes (slaughter) committed in 2006, in the month of May, victimizing more than 400 people. In the Northeast, As Mães de Maio will organize itself based on the tireless struggle of the mother of 16-year-old Davi Fiuza, who disappeared and continues to this day without news of his whereabouts, but never forgotten by this mother, current coordinator of the movement in the state of Bahia and in the Northeast of the country. We intend to discuss how racism structures the politics of death in one of the blackest states outside Africa.

Keywords: Mothers of May, Racism, Genocide, Black Youth

INTRODUÇÃO

Em maio de 2022, aconteceu o I Encontro Mães de Maio Nordeste, uma parceria do CEN – Coletivo de Entidades Negras e a coordenação de As Mães de Maio Nordeste, na pessoa da Sra Rute Fiuza, genitora do jovem Davi Fiuza, um dos tantos casos de jovens desaparecidos no nosso país, uma mãe incansável na busca por justiça.

Desaparecido em 24 de outubro de 2014, após a abordagem policial do Pelotão de Emprego Tático Operacional (PETO) e Rondas Especiais (Rondesp). Conta Rute, durante a abordagem

Davi conversava com uma vizinha e foi colocado num carro sem identificação e teve mãos e pés

amarrados, até hoje, ela não sabe do paradeiro do seu filho. Essa é a sua luta... a busca pela localização do jovem ou do corpo dele e a possibilidade de dar-lhe um sepultamento digno e a condenação dos envolvidos naquela ação.

Reunida com a Sra Rute e outra companheira do Coletivo, ouvi o desejo dela em realizar um Encontro no qual ela convidaria As Mães de Maio do Nordeste e outras mães vindas de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Traçamos uma estratégia e decidimos realizar o primeiro Encontro das Mães de Maio Nordeste.

JUSTIFICATIVA

Não foi fácil, tudo absorvido por mim mora no campo das emoções, mora no campo da dor reconhecida por mim de qualquer mãe negra. Sempre lembro de uma música de Adoniran Barbosa, músico brasileiro, falecido em 1982, quando pensava no genocídio da população jovem negra, da preocupação de mães negras com o horário dos seus filhos chegarem em casa, mas para além disso era responsabilidade dele enquanto filho único cuidar da mãe.

Toda mãe negra teme pela sorte dos seus/suas filhos/as, houve um tempo... agora distante... onde tínhamos apenas pela perda dos nossos meninos, porém, hoje, também nossas meninas estão sobre a mira do fuzil e da bala do Estado. A mãe negra não dorme enquanto seu filho não chega em casa e mesmo chegando em casa, ele pode ser retirado dela a qualquer momento por aqueles desejosos por tirarem sua vida e daqueles/as os quais permanecem vivos/as chorando a dor da perda do seu ente amado.

Em março de 2022, vivenciamos em Salvador – Bahia, a Chacina da Gamboa como ficou conhecida pela mídia, três jovens negros assassinados, um deles retirado de dentro de casa e morto na frente de sua mãe. Acompanhei, esse caso de perto e participei das audiências na SSP /BA na tentativa de busca por justiça e criminalização dos policiais participantes daquele episódio.

Existe aí uma cultura de morte, um discurso frágil de lugar errado na hora errada, a polícia chega na comunidade e é recebida a tiros e revidou tirando a vida de pessoas envolvidas... Todas essas explicações para justificar a política de morte e discurso do governo de bandido bom é bandido morto.

Achille Mbembe, 2018, discute em seu livro Necropolítica essa visão deturpada, racializada do estado brasileiro, em enxergar o povo negro como uma possível ameaça e dessa forma decide quem deve ou não morrer, numa afirmação absurda de todos são bandidos, todos tem envolvimento ou passagem, vale ressaltar aí a mácula na imagem da família, todo esse discurso sempre baseado na cor da pele. O Fórum Brasileiro de

Segurança Pública e a Unicef informam em estudo, dados de 7 mil crianças e adolescentes são mortos no Brasil por ano, em 5 anos, 2016 a 2020 são 35 mil mortes

de adolescentes e crianças. Mais de 15 mil com idades entre 15 e 19 anos, 90% desses eram meninos e 80% negros. O Brasil supera os números de mortes de jovens para o EUA, com dados de 3 mil mortes anuais e tendo população maior que a brasileira.

Só no ano de 2020, durante a pandemia foram 50 mil mortes violentas no país, desses dados na Bahia, a cada 100 mil habitantes 6,88% foram jovens com idade entre 16 e 19 anos. Jovens, adolescentes que deixam suas famílias órfãs dessa presença, uma vez todas afirmarem se seus filhos/as cometeram algum erro devem ter a punição, porém não é a morte, não os ceifar da possibilidade de trilhar outros caminhos.

METODOLOGIA

Esta pesquisa é de natureza qualitativa, pois discute um fenômeno social. Segundo Denzin e Lincoln (2005) ela implica num conjunto de práticas interpretativas e materiais que tornam o mundo visível, o que envolve e mobiliza uma postura interpretativa e naturalística diante do fenômeno investigado. Em outras palavras, pode-se dizer que os pesquisadores estudam as coisas em seus contextos naturais e reais.

Ao trazer o movimento como centro deste estudo pretendemos ainda discutir e chamar atenção da população para uma real e atuante política nacional de promoção de cidadania, direitos e enfrentamento à violência contra jovens negros e contra a violência do Estado.

CONCLUSÕES

A história das Mães de Maio é uma história de dor, de luta e, sobretudo, de ativismo político. De luta incansável por justiça de seus filhos mortos pela violência do Estado e pelo racismo que estrutura nossa sociedade. busco trazer como inspiração a história, percepção e fazer um contraponto com relação a realidade vivida por mães brasileiras que enfrentam esse mesmo dilema articulando diferentes setores da sociedade, conectando a voz destas mulheres incansáveis, que criaram o movimento na Argentina e dão nome ao movimento no Brasil. Falar desta peregrinação realizada por elas, por dias, meses e longos anos a partir da teoria e prática valorizando os distintos saberes que estas tem construído ao longo do tempo sem deixar de fora a maneira como as políticas públicas se interrelaciona com essas e suas diferentes realidades.

AGRADECIMENTOS

Ao movimento Mães de Maio do Brasil, As Mães de Maio Nordeste, A Rute Fiuza e ao Prof. Dr, André Luis Nascimento dos Santos.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Necropolítica e Neoliberalismo**. Caderno CRH, Salvador, v. 34, 10 p. e021023, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/crh/article/view/45397> .Acesso: 01.set.2022.
- ARAÚJO, Edigilson Tavares de. Gestão social. In: BOULLOSA, Rosana de Freitas (org.). Dicionário para a formação em gestão social. Salvador: CIAGS/UFBA, 2014. p. 85-90.
- CERQUEIRA, Daniel. et al. **Atlas da Violência 2021**. Brasília: Ipea; FBSP, 2021. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/1375-atlasdaviolencia2021completo.pdf>. Acesso em: 20 mai.2022
- DENZIN, N.K.; LINCOLN, Y.S. Handbook ofqualitativeveresearch Thousand Oaks: Sage, 2005.
- **Desigualdade no Brasil cresceu (de novo) em 2020 e foi a pior em duas décadas**. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/business/desigualdade-no-brasil-cresceu-de-novo-em-2020-e-foi-a-pior-em-duas-decadas/> acesso em 01 /nov /2022
- GONÇALVES, Renata. **De antigas e novas loucas: Madres e Mães de Maio contra a violencia de Estado**. Lutas Sociais. São Paulo. N.29, p.130-143, jul./dez. 2012. Disponível em: <http://www4.pucsp.br/neils/downloads/neils-revista-29-port/renata-goncalves.pdf>. Acesso em: 20 mai.2022
- ed. São Paulo: Editora 34, 2009. 256 p.
- JAGGAR, Alisson M.. Amor e conhecimento: a emoção na epistemologia feminista. In: BORDO, Susan R.. **Gênero, Corpo, conhecimento**. 1 ed. Rio de Janeiro: Record, Rosa dos Tempos. 1997. P. 157- 185.
- MARTINS, G. A.; THEÓPHILO, C. R. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- MBEMBE, Achille, **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. Traduzido por Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018. 80p.
- **Panorama da violência letal e sexual contra crianças e adolescentes no Brasil**. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/media/16421/file/panorama-violencia-letal-sexual-contra-criancas-adolescentes-no-brasil.pdf>. Acesso: 01 de dez de 2022.
- SCHUCMAN, Lia Vainer. **Racismo e Antirracismo: a categoria raça em questão**. Psicologia Política. São Paulo; v. 10, n. 19, p. 41-55. 2010.
- MÃES DE MAIO (2012). **Mães de Maio: Mães do cárcere – a periferia grita**. São Paulo: Nós por nós.
- _____(2011). **Do luto à luta: Mães de Maio**. São Paulo: Nós por nós.